

NÚCLEO DE ADOLESCÊNCIA PSI E SAÚDE PÚBLICA

Coordenador: ROSELENE RICACHENEVSKY GURSKI

O estudo e a pesquisa em torno da adolescência contemporânea vêm ocupando o centro do debate em diferentes esferas do campo social. As políticas públicas, as pesquisas acadêmicas, as discussões clínicas e mesmo as diferentes formas de expressão da mídia revelam a preocupação crescente tanto dos especialistas como do público leigo com os caminhos dos jovens deste tempo. E não por acaso. Nos últimos anos temos visto crescer alguns índices que revelam uma dose inquietante de sofrimento psíquico por parte dos jovens e dos adultos que lidam com eles. Dentre os sintomas mais presentes, destacamos o aumento considerável de adolescentes em conflito com a lei, atualmente denominados infratores, revelando em particular o destaque da delinqüência como um modo de expressão, cada vez mais evidente, no comportamento juvenil, além, do significativo aumento do suicídio e do uso intenso de drogas, sejam elas lícitas ou ilícitas. Na referida problemática, reside também uma pergunta sobre os adultos que lidam com os jovens: por que, cada vez mais, vemos uma desmedida proliferação de diagnósticos médicos acompanhados por prescrições, algumas vezes, indiscriminadas de medicações a situações que, frequentemente, não demonstram mais do que a força e a intensidade da passagem adolescente? Parece que ao encontrarem nos laços sociais e familiares uma espécie de desertificação em termos de narrativas e de recursos simbólicos, os jovens acabam por viver o adolescimento delinquindo e tornando-se os chamados "toxicômanos", seja de drogas prescritas ou proibidas. O psicanalista francês Jean-Jacques Rassial, estudioso das questões contemporâneas da adolescência, sugere que atualmente lidamos com jovens que se encontram em termos estruturais no que ele denomina de estado limite (Rassial, 1997, p. 87): "um estado de suspensão, um momento de não escolha, entre tomar um sintoma e não tomá-lo", ou seja, sujeitos presos num momento anterior à construção do sinthome. Dialogar com as condições do discurso social que recepcionam os atos juvenis na atualidade significa qualificar o diagnóstico e provavelmente os atendimentos de adolescentes em situação de sofrimento psíquico extremo. Rotta (2008), em um artigo no qual reflete sobre as medidas socioeducativas, desde a Psicanálise, pergunta que outra possibilidade de significação o ato infracional pode tomar quando é escutado fora do âmbito do judiciário. Na reflexão que faz, propõe que se compreenda o momento de reestruturação psíquica do jovem, transportando-o do lugar de infrator para a via do adolescimento. Ora, sabemos que o problema de todo sujeito e em especial do

adolescente, é encontrar formas de se representar no social. O jovem, recém saído do mundo da infância, precisa de referentes que indiquem o valor dos seus atos e de suas palavras em relação ao Outro social (Jerusalinsky, 2004). Sabemos que a dose dessa garantia depende tanto da história das relações infantis do adolescente, quanto do modo pelo qual a cultura na qual está inserido trata dos valores simbólicos. Isso porque, apesar das leis familiares organizarem uma boa parte do dialeto de como se portar na vida e no mundo, os sentidos são construídos desde os códigos que cada tempo cultural indica como lugar de produção do sujeito. Nesse diapasão, perguntamos sobre as formas de expressão que o jovem tem utilizado para fazer suas marcas. Questionamos: como o imaginário acerca da nocividade dos atos adolescentes pode determinar práticas que os induzem à via da delinquência como forma de representação no social? Que formas de resistência poderiam operar para que, ao jovem, não reste somente o lugar do agonizante sujeito das margens, mendigando, através do colorido sintomático, um modo de ser escutado? Todas essas questões talvez adquiram nuances pronunciadas quando se trata de pensar as problematizações dos jovens das periferias. Este projeto pretende, sobretudo, problematizar as facetas contemporâneas das condições com as quais os adolescentes, literalmente das "margens" da cidade, encontram-se no tecido social a fim de elaborar a operação psíquica que lhes concerne na passagem adolescente. Preocupados com o sofrimento psíquico dos adolescentes e com a repercussão social da sintomatologia que apresentam, construímos um Projeto de Extensão que busca conhecer melhor a realidade das questões dos jovens moradores do arquipélago de Porto Alegre. Em parceria com o Núcleo de Assistência Social do Hospital Moinhos de Vento (HMV) e, através do apoio da PROEXT - Pró-Reitoria de Extensão da UFRGS -, visamos constituir um Núcleo de Atendimento Psi voltado ao público jovem atendido nas Estratégias de Saúde da Família, desenvolvidas pelo HMV, na Ilha Grande dos Marinheiros e na Ilha da Pintada. Os dispositivos de intervenção do Núcleo estão sendo construídos na medida em que os pesquisadores envolvidos estão dialogando com as demandas próprias dos jovens da comunidade. Buscamos com este Projeto ampliar a discussão acerca das problematizações da adolescência contemporânea das "margens" da cidade a fim de criar dispositivos de intervenções específicos aos jovens, bem como otimizar e instrumentalizar os serviços de saúde mental destinados a esta população.